

O DIGITAL COMO UM NOVO DISCURSO

Digital as a new discourse

El digital como un nuevo discurso

Le numérique comme un nouveau discours

 10.5020/23590777.rs.v24i1.e12826

Márcio Rimet Nobre  

Doutor em Psicologia, na área de Estudos Psicanalíticos, pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Nádia Láguárdia de Lima  

Pós-Doutora em Psicanálise Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Psicóloga. Professora do Departamento de Psicologia e Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) na área de Estudos Psicanalíticos.

Gilson de Paulo Moreira Iannini  

Doutor pela Universidade de São Paulo (USP) e Mestre pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em Filosofia. Master em Psychanalyse: Concepts et Clinique (Université Paris VIII). Psicólogo. Professor do Departamento de Psicologia e Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) na área de Estudos Psicanalíticos.

Resumo

O presente trabalho decorre da hipótese de que a partir das mudanças culturais introduzidas pelos processos de digitalização da informação, tornou-se possível observarmos, na sociedade contemporânea, uma mutação no estatuto do saber, o que teve efeitos para a própria subjetividade. Partindo do *matema* do discurso do capitalista proposto por Jacques Lacan, assinalamos os elementos que caracterizam o novo padrão discursivo em curso na cultura digital em função de sua dinâmica animada pela lógica dos números, a ser nomeado como *discurso digital*. Buscaremos apontar em que medida é a mudança de estatuto do saber que nos permite inferir essa nova dinâmica discursiva. Assim, será feito um delineamento do que seja a cultura digital, indicada como efeito do novo formato assumido pelo capitalismo. Na sequência, serão traçadas as perspectivas assumidas pela noção de saber no âmbito do discurso capitalista. Finalmente, serão consideradas as mutações sofridas pela sociedade contemporânea com a entrada em cena da informação digitalizada e, mais especificamente do algoritmo digital, de modo a propor a emergência do discurso digital como sendo a mais recente versão do discurso capitalista. A partir de tais premissas, cabe indagar se estaríamos ainda diante do discurso do capitalista ou, de fato, de um novo discurso em que os elementos do laço social recebessem rearranjo inédito, isto é, um sexto discurso, nomeadamente, *discurso digital*.

Palavras-chave: saber, discurso, cultura digital, discurso capitalista, algoritmo digital

Abstract

The present work arises from the hypothesis that, based on the cultural changes introduced by the processes of digitalization of information, it became possible to observe, in contemporary society, a mutation in the status of knowledge, which had effects on subjectivity itself. Starting from the mathematical discourse of the capitalist proposed by Jacques Lacan, we highlight the elements that characterize the new discursive pattern underway in digital culture due to its dynamics animated by the logic of numbers, to be named as digital discourse. We will seek to point out to what extent the change in the status of knowledge allows us to infer this new discursive dynamic. Thus, an outline will be made of what digital culture is, indicated as an effect of the new format assumed by capitalism. Next, the perspectives assumed by

the notion of knowledge within the scope of capitalist discourse will be outlined. Finally, the mutations suffered by contemporary society will be considered with the entrance into the scene of digitized information and, more specifically, the digital algorithm to propose the emergence of digital discourse as the most recent version of capitalist discourse. Based on such premises, it is worth asking whether we are still facing the capitalist discourse or, in fact, a new discourse in which the elements of the social bond receive an unprecedented rearrangement, that is, a sixth discourse, namely, digital discourse.

Keywords: *knowledge, discourse, digital culture, capitalist discourse, digital algorithm*

Resumen

El presente trabajo trata de la hipótesis de que, a partir de los cambios culturales introducidos por los procesos de digitalización de la información, se hizo posible observar, en la sociedad contemporánea, una mutación en el estatuto del saber, lo que tuvo efecto para la propia subjetividad. Partiendo del matema del discurso del capitalista propuesto por Jacques Lacan, marcamos los elementos que caracterizan el nuevo estándar discursivo en curso en la cultura digital en función de su animada dinámica por la lógica de los números, a ser nombrado como discurso digital. Buscaremos indicar en qué medida es el cambio de estatuto del saber que nos permite inferir esta nueva dinámica discursiva. Así, será hecho un delineamiento de lo que sea la cultura digital, indicada como efecto del nuevo formato asumido por el capitalismo. En la secuencia, serán trazadas las perspectivas asumidas por la noción de saber en el ámbito del discurso capitalista. Finalmente, serán consideradas las mutaciones sufridas por la sociedad contemporánea con la entrada en escena de la información digitalizada y, más específicamente del algoritmo digital, de modo a proponer la emergencia del discurso capitalista. A partir de tales premisas, cabe preguntar si estaríamos todavía ante el discurso del capitalismo o, de hecho, de un nuevo discurso en que los elementos del lazo social recibieran arreglo inédito, es decir, un sexto discurso, nombradamente, discurso digital.

Palabras clave: *conocimiento, discurso, cultura digital, discurso capitalista, algoritmo digital*

Résumé

Ce travail découle de l'hypothèse qui a permis d'observer, dans la société contemporaine, une mutation du statut de la connaissance, à partir des changements culturels introduits par les processus de numérisation de l'information, ayant des effets sur la subjectivité elle-même. En partant du mathème du discours capitaliste proposé par Jacques Lacan, nous mettons en évidence les éléments caractéristiques du nouveau modèle discursif en vigueur dans la culture numérique, en raison de sa dynamique déclenchée par la logique des nombres, à nommer comme discours numérique. Nous chercherons à indiquer dans quelle mesure le changement de statut de la connaissance nous permet d'inférer cette nouvelle dynamique discursive. Ainsi, nous délimiterons la culture numérique, la définissant comme un effet du nouveau format adopté par le capitalisme. Ensuite, les perspectives assumées par la notion de savoir dans le contexte du discours capitaliste seront retracées. Enfin, nous considérerons les changements subis par la société contemporaine avec l'entrée en scène de l'information numérisée et, plus précisément, de l'algorithme numérique, afin de proposer l'émergence du discours numérique comme la dernière version du discours capitaliste. À partir de ces prémisses, il convient de se demander si nous sommes encore face au discours du capitaliste ou, en réalité, à un nouveau discours dans lequel les éléments du lien social subiraient un réarrangement sans précédent, à savoir un sixième discours, nommé discours numérique.

Mots-clés: *connaissance, discours, culture numérique, discours capitaliste, algorithme numérique*

O presente trabalho decorre da hipótese de que a partir das mudanças culturais introduzidas pelos processos de digitalização da informação, tornou-se possível observarmos, na sociedade contemporânea, uma mutação no estatuto do saber, o que tem efeitos sobre a própria subjetividade. Assim, apesar de serem cada vez mais frequentes, as discussões a respeito de eventuais transições nas formas de apresentação da subjetividade atual talvez ainda não venham levando em conta, com a devida amplitude, os efeitos do que hoje podemos compreender como um novo padrão cultural resultante da proeminência do número em nossa sociedade, ou seja, a cultura numérica ou digital. Para a psicanálise, além disso, é necessário levar em conta ainda a relação que estabelecemos com o saber, ponto nodal de nosso elo com tudo o que nos cerca, componente do próprio enlaçamento com a alteridade.

A rapidez nos desdobramentos do que aqui compreendemos pela expressão “cultura digital” justifica tanto a crescente ocorrência de seu uso, quanto a falta de definição ou consenso a esse respeito. Seja como for, as inegáveis modificações apontam para a exigência de se buscar compreender os efeitos para o sujeito contemporâneo daquilo que, desde a segunda metade do século XX, vem sendo nomeado como “era da informação” ou “do conhecimento”. Assim, se a partir dos anos 1980 já se falava em cibercultura, era como um recinto específico da cultura, influenciado pela linguagem da informática,

em função da entrada do *personal computer* nas residências ocidentais. Na atualidade, essa linguagem passou a ocupar toda a extensão do laço social; quando a cidade, o espaço urbano e as relações que animam a *polis* foram definitivamente inundados pela digitalização, de tal forma que os resquícios analógicos, que porventura subsistam na sociedade, parecem ter se tornado incômodos, quando não estão investidos de modo fetichista, como ocorre em certa cultura de aparelhos analógicos *vintage*.

De fato, a cultura digital impôs um novo ritmo à vida social. A aceleração de processos operacionais nos diferentes setores da sociedade, misturada a uma atmosfera de personalização de serviços, ideia vendida como algo estritamente positivo, e ao surgimento de novos modos de entretenimento, logo nos fez perder os pudores com relação às balizas convencionais do mundo do trabalho ou da vida acadêmica. A chegada dos *smartphones* estimulou e intensificou os fluxos de informação que, tornados cada vez mais inadiáveis, atropelaram, por exemplo, os limites de horários para conversas entre patrões e empregados, professores e alunos e grupos em geral, antes restritos às oito horas instituídas para o trabalho. Além disso, incrementou, no mesmo sentido, as trocas à distância entre amigos, colegas de trabalho e familiares, bem como aquelas de cunho afetivo e sensual. Tempo e distância foram se tornando cada vez menos impeditivos para a comunicação com fala e imagem em tempo real e de modo integral.

Para a psicanálise, trata-se de considerar o alcance de tais mudanças na subjetividade. É inegável que a aceleração vertiginosa das tecnologias digitais e sua incidência em todos os setores da vida humana interfere nos modos de pensar, comunicar e fazer laço, contribuindo também para o surgimento de novos sintomas. A rápida expansão das tecnologias digitais em todo o mundo se deve, especialmente, à sua capacidade de evocar o gozo e sua íntima relação com o corpo. Além disso, o desenvolvimento tecnológico digital interfere nos modos de apropriação e transmissão do saber. Jacques Lacan, em sua teoria dos discursos, apresenta o saber como um dos elementos discursivos que compõem o laço social. Em suas notações, tais elementos são o significante-mestre $[S_1]$, o saber $[S_2]$, o objeto $[a]$ e o sujeito $[\$]$, a orbitarem no matema, figura da qual Lacan lançou mão como estrutura topológica, suporte das quatro matrizes radicais do laço social, conceito que faz equivaler a ideia de discurso. Assim propõe os discursos do mestre, da histórica, do analista e universitário, formados pelos reposicionamentos de tais elementos, em constante giro sobre o matema.

Dois anos mais tarde, entretanto, vemos surgir um quinto e último discurso, o do capitalista, que rompe com a lógica das matrizes iniciais. Proveniente das leituras de Lacan acerca das transformações sociais e políticas em andamento naquele período, resulta de uma modificação na dinâmica do matema e, tal como os anteriores, reflete um esforço no sentido de permitir que a psicanálise pudesse fazer operar no laço social suas próprias chaves conceituais.

Assim, partindo da abordagem tornada possível por este quinto matema proposto por Lacan há 50 anos, no presente trabalho buscaremos assinalar os elementos que nos permitem caracterizar e defender que um novo padrão discursivo se encontra em atividade na cultura digital. Sob tais premissas iniciais, cabe indagar: estaríamos ainda diante do discurso do capitalista ou de um sexto discurso, em função de um rearranjo inédito dos elementos do laço social? Nessa aposta, que aqui apresentamos, veremos como as alterações no laço, provocadas pela lógica animada essencialmente pelos números, merecem uma nomeação que considere o presente contexto, portanto, um *discurso digital*. Nessa proposta, buscamos apontar em que medida é especialmente uma conversão operada no estatuto do saber que nos permite inferir essa nova dinâmica discursiva. Para tanto, iniciamos com delineamento do que seja a cultura digital, a ser designada como efeito do novo formato assumido pelo capitalismo em função do grande afluxo da informação codificada em números. Na sequência, indicamos as perspectivas assumidas pela noção de saber no discurso capitalista, proposto por Lacan no lastro de sua teoria do laço social. Finalmente, buscamos indicar as possíveis mutações observadas no laço social, essencialmente permeado pelos dispositivos tecnológicos, em função dos efeitos da entrada em cena do algoritmo digital, de modo a propor a emergência do discurso digital como um desdobramento do discurso capitalista, resultante desse novo padrão cultural.

A cultura digital: nova linguagem do capitalismo

A expressão “cultura digital” diz respeito às trocas culturais que se configuraram na sociedade atual em virtude do processo de digitalização em que as informações, antes físicas ou analógicas, passaram a ser transcritas para a linguagem de dados discretos, isto é, contáveis, por meio de combinações dos algarismos 0 (zero) e 1 (um). O paulatino desenvolvimento dessa linguagem numérica tem como corolário o advento de um vasto aparato tecnológico que lhe dá suporte.

O surgimento da cultura digital está ligado a fatores históricos que motivaram esse aparelhamento tecnológico nos campos da comunicação e da informação a partir do pós-Guerra. Nesse período, referido por alguns autores como “capitalismo pós-industrial” ou, por outros, como “era” ou “sociedade da informação”, teve início um processo de estímulo ao investimento maciço em pesquisas acadêmicas voltadas para o desenvolvimento de tais tecnologias por parte de governos e empresas. Esse processo teve seu pontapé inicial com a invenção do computador, ainda durante a Segunda Guerra (Kumar, 2006). A partir daí, o desenvolvimento da linguagem informacional ganhou impulso cada vez maior. O conhecimento tecno-científico e, sobretudo, a informação, são alçados a novo patamar, passando a receber atenção em escala global e sendo afetados por uma crescente urgência por mudanças no modo de seu tratamento, em seu formato.

São o advento e a expansão da internet, entretanto, os pontos cruciais que permitiram ao capitalismo fazer alastrar seu discurso sobre praticamente todos os campos, tornando-se hegemônico como sistema e como ideologia. Tal advento ocorre ainda nos anos 1970 no âmbito restrito das operações de inteligência das forças armadas ocidentais. Sua expansão definitiva somente se dá com a criação da *World Wide Web*, já na década de 1990, período em que as tecnologias de informação e comunicação (TIC) ganham incremento. Com a popularização da *Web 2.0*, no ano 2004, e a disseminação dos *smartphones* ainda naqueles anos iniciais do milênio, somados aos fenômenos das recém-criadas redes sociais, temos os marcos tecnológicos da aceleração do processo de digitalização da vida privada e da socialização em geral. Com isso, setores antes separados da vida humana, como trabalho, família e relações sociais passam a se misturar nesse cadinho digital em que se encontram informações de todo tipo, notadamente em propagandas de serviços e comércio, sendo inegável o papel dos dispositivos portáteis na multiplicação da oferta de novos produtos virtuais, antes impensáveis. Assim, a informação digitalizada passa a ser o “fluido” que transmite os conteúdos – os novos e os velhos –, num processo que se torna cada vez mais autorregulado. Em termos imaginários, ganha voz um discurso que ostenta valores como leveza e agilidade, que tem como base a ideia de inovação ininterrupta. No presente momento, já parece óbvia a constatação surgida há poucos anos de que “o saber está no bolso” (Miller, 2015), como se assim tivesse sempre sido.

Para Charlie Gere (2008), o aparentemente simples termo “digital” define um complexo conjunto de fenômenos cuja presença cada vez mais extensa em nossas vidas é indicativo da existência de uma cultura. O autor considera a digitalização como um marcador de cultura pelo fato de abranger artefatos e sistemas de significação e de comunicação que distinguem com clareza os estilos de vida contemporâneos de outros anteriores. Para ele, o termo “digital” passou a significar bem mais que os dados discretos ou qualquer maquinário utilizado para sua transmissão: “Falar do digital é chamar, metonimicamente, toda a panóplia de simulacro virtual, comunicação instantânea, mídia onipresente e conectividade global que constitui grande parte de nossa experiência contemporânea” (Gere, 2008, p. 15). Assim, o termo se tornou sinônimo da própria tecnologia, deixando de pertencer ao campo reduzido do dado binário para se estender ao todo da vida contemporânea. É nesse sentido que buscamos empregá-lo aqui, reconhecendo o alto grau de sua interferência, para além de termos como “cibercultura” ou expressões como “era ou sociedade da informação” ou “do conhecimento”.

André Lemos (2009) alerta para a tendência de nomearmos a cultura em função dos artefatos tecnológicos, o que responderia a um determinismo de tal aparato sobre ela. De nossa parte, entretanto, o emprego de “cultura digital” justifica-se por dois principais motivos: primeiramente, por se tratar de uma expressão que contempla até mesmo segmentos da sociedade ainda não inseridos diretamente na linguagem dos computadores e demais *gadgets*. Assim, se falar em cibercultura remetia a uma experiência bastante específica de um segmento que se apresentava quase como uma subcultura de adeptos iniciados, *nerds*, aficionados; falar em cultura digital se adequa mais facilmente ao processo desencadeado nos últimos 20 anos com a popularização das tecnologias e a conversão da vida contemporânea para a linguagem dos dados numéricos. Não há mais opção sobre estar ou não afetado pela digitalização. Mesmo à sua revelia, grupos que vivem à margem da sociedade também dependem do sistema digital, tornado uma inescapável injunção, o que vai do uso do *Uber*, de cartões de crédito ou de uma simples ligação telefônica. O verbo “conectar” e seus termos derivados são hoje correntes e amplamente utilizados para praticamente qualquer contexto.

Ainda quanto ao termo “cibercultura”, é na referência da “cultura *ciberpunk*”, inspirada pela literatura ficcional de escritores como William Gibson (*Neuromancer*, 1984) – que cunhou o termo *cyberespace* – ou Isaac Asimov (*I, robot*, 1979), além de produções futurologistas do cinema, que encontramos suas origens. Tais influências estão na base de pesquisas de autores consagrados nessa discussão (Lemos, 2008; Lévy, 1999), alguns deles tributários de certa utopia mais próxima aos estágios iniciais do processo de informatização. Pierre Lévy, por exemplo, aposta na expansão de uma inteligência colaborativa global, propondo o surgimento de “coletivos inteligentes nos quais as potencialidades sociais e cognitivas de cada um poderão desenvolver-se e ampliar-se de maneira recíproca” (Lévy, 2015, p. 23). Nessa perspectiva o potencial da virtualização do conhecimento cumpriria finalmente o projeto emancipatório da Modernidade, objeto de tantas querelas entre os teóricos de Frankfurt, como Habermas, e os pós-modernistas estadunidenses ou franceses, como Jean-François Lyotard. Este último filósofo, inclusive, trazia a questão da mudança do estatuto do saber em função da centralidade que a informação passava a ocupar no mundo contemporâneo como hipótese central de seu célebre *A Condição Pós-Moderna* (Lyotard, 2008).

No lastro desse processo, é o próprio modo de vida que se modifica, pois, se inicialmente o uso do computador recaía sobre a dimensão cognitiva e organizacional, com a invenção da internet, a tecnologia se acopla a domínios subjetivos somente cogitados na literatura e no cinema de ficção. Aliás, sem o acesso à rede da internet, um computador, *smartphone* ou *tablet* tornam-se aparelhos praticamente inúteis podendo gerar frustração em função da quase total dependência da sociedade contemporânea para com a rede mundial. De fato, trata-se de uma condição para a inserção do indivíduo não apenas no mundo do trabalho, largamente destacado pelo inegável dinamismo de sua renovação, mas também na vida social em geral, toda ela cada vez mais atravessada pelos filtros virtuais que as tecnologias antepõem entre os campos do sujeito e do Outro, isto é, nos fundamentos do laço social, conforme Lacan (1992).

Mutações do saber e o discurso capitalista

O que se observa no presente momento, entretanto, é que, se tal projeto moderno se encontra de fato em andamento, isso não se dá sem os contumazes atravessamentos do grande capital, que se apresentam como obstáculos a esse potencial verdadeiramente emancipatório. De fato, podemos compreender que a quase total apropriação da linguagem digital pelo capitalismo faz dela seu principal veículo ideológico e motor de sua expansão na atualidade. Pois, como nos adverte Evgeny Morozov (2019), os dados e a informação são hoje o “novo petróleo” e a tecnologia digital não é apenas ciência aplicada, mas, sim, “um emaranhado confuso de geopolítica, finança global, consumismo desenfreado e acelerada apropriação corporativa dos nossos relacionamentos mais íntimos” (Morozov, 2019, p. 7). Para o autor, o que está em questão nessa nova forma de cultura é o modo de vida estadunidense que se espalha como modelo global. Gere (2008) destaca que esse processo de distribuição e comercialização da cultura ganhou nova perspectiva com a convergência das formas conhecidas da mídia moderna para o formato digital, determinando o estreitamento da relação do que veio a se tornar conhecido como as “tecnociências”¹ para com as mídias e o capitalismo de livre mercado. “O desenvolvimento simultâneo da ciência, da mídia e do capital sob a égide da tecnologia digital produz um efeito de avanço rápido em que tudo parece ocorrer a uma taxa acelerada, para produzir mudanças drásticas em muito pouco tempo.” (Gere, 2008, p. 14).

Lacan (1992) já havia anunciado o estreitamento da relação entre capitalismo e ciência e é na esfera do discurso universitário que ele irá situar essa aproximação. É com o saber [S_2] no posto do agente daquele matema que o conhecimento é apropriado pelo discurso da ciência. Ainda mais inusitado é o modo como Lacan se refere, de forma incisiva, ao atrelamento entre o capitalismo e a ciência: “Não se esperou, para ver isso, que o discurso do mestre tivesse se desenvolvido plenamente para mostrar sua chave no discurso do capitalista, em sua curiosa copulação com a ciência” (Lacan, 1992, p. 103).

Desse modo, a hegemonia do capitalismo tem sua mola propulsora nesse casamento com a ciência moderna, então em franco crescimento, tendo suas bases aferradas ao discurso universitário. Este último não apenas prescinde de uma verdade embasada num mestre, mas instaura o saber no lugar dominante. Para Lima (2006), entretanto, este saber que é agente no discurso universitário e opera como conhecimento com o intuito de obturar a falta, termina por esvaziar o interesse pelo saber, que perde sua potencialidade. Desse modo, esse “saber que não se sabe” perde sua capacidade de subverter a própria teoria do conhecimento (Lacan, 2003), pois, com S_2 como agente, o conhecimento, a se pretender fixo, distancia-se do caráter lacunar do saber, embora não passe de um semblante daquele, do mesmo modo como as diferentes versões de um mito, ao serem fixadas, são ainda versões. É da conexão desse par com o capitalismo que a divisão subjetiva vem a ser empregada para fazer do sujeito o consumidor dos bens que produz. Daí Lacan (1992) poder lançar a pergunta: “Quem pode em nossa época sonhar sequer por um instante em deter o movimento de articulação do discurso da ciência em nome do que quer que possa acontecer?” (Lacan, 1992, p. 97).

Bastante precoce em relação às quatro primeiras matrizes, a proposição do discurso capitalista apresenta uma adequação da teoria dos discursos. É o que permite tomá-la ainda como fundamento para uma leitura da contemporaneidade. Apenas dois anos após a proposição dos quatro discursos, Lacan (1978) formula finalmente um quinto, já sem maiores ambiguidades com relação ao discurso universitário. Na ocasião, ao falar sobre o discurso do analista para uma plateia formada por professores e alunos da universidade de Milão, Lacan escreve a formulação do *discurso capitalista*, procedendo à sua peculiar explicação (Figura 1).

Figura 1

Discurso capitalista

$$\downarrow \frac{\$}{S_1} \times \frac{S_2}{a} \downarrow$$

De modo diverso dos anteriores, esse discurso resulta de uma torção operada entre os dois termos do campo do sujeito no discurso do mestre, quando S_1 e $\$$ trocam de postos entre si. Embora haja essa troca, a sequência dos significantes não se altera, uma vez que o vetor desse campo também se inverte de cima para baixo, acompanhando a torção. Isso faz com que a sequência original dos significantes seja mantida. Ainda assim, essa nova conformação matemática traz uma série de consequências para a lógica discursiva, as quais podem ser vistas em termos topológicos, dinâmicos e também econômicos. É na referência de tais termos criados por Freud para tratar da divisão de sua metapsicologia que aqui os

1 O termo designa o contexto social e tecnológico da ciência em seu atual estágio, indicando que o conhecimento científico não é apenas socialmente codificado e posicionado, mas, cada vez mais, sustentado e tornado durável por redes materiais não-humanas (Tecnociência, 2020).

empregamos, propositadamente, como uma releitura. Resguardadas todas as diferenças quanto à proposição de Freud e a revisão teórica empreendida por Lacan, compreendemos que um dos aspectos mais relevantes apresentados pelo matema dos discursos e que consiste numa aproximação do saber com o gozo nos permite vislumbrar uma sombra das três dimensões citadas. Certamente estamos cientes da diferença que, nesse caso, os termos representam em relação àquela proposta por Freud, não sendo intenção fazer aqui uma interposição direta de sua concepção. Entretanto, no matema, trata-se de uma topologia, e esta, por seu movimento, implica uma dinâmica que muda a lógica entre os discursos. Por considerar de modo inédito a implicação do gozo para o laço social, entendemos que podemos aqui vislumbrar também uma releitura da dimensão econômica.

Assim, com relação à sua topologia, embora mantenha os mesmos postos, o matema do capitalista apresenta um inesperado mosaico dos demais discursos, no que se refere às localizações dos significantes. No campo do sujeito, do ponto de vista topológico, tal como ocorre no discurso da histórica, o capitalista traz o sujeito dividido [\$] – sempre insatisfeito e à procura de um saber sobre si – no lugar do agente. O mestre [S₁] ressurgiu no lugar da verdade, assim como no discurso universitário. Estando evidente como agente no discurso do mestre e mostrando-se velado no campo da verdade no universitário, o significante-mestre apresenta-se de modo particular no capitalista, como veremos à frente. No campo do Outro, repete-se a mesma configuração do discurso do mestre, com S₂ no posto do outro e o objeto *a* como resto da operação. Aqui encontramos a lógica inserida pelo quinto paradigma do gozo (Miller, 2012), que toma o *saber como meio de gozo* e que, nesse discurso em particular, tem outras consequências. Desse modo, temos uma configuração em que o posicionamento dos significantes remonta às demais matrizes, excetuando-se a do analista, com a qual, curiosamente, o capitalista não guarda nenhuma correlação.

Devido a esta oscilação de S₁ no campo do sujeito, aqui se reconhece uma linhagem de mestres, que têm como marca trazerem S₁ – a “clave” do mestre (Lacan, 1992) – sempre no campo do sujeito. Nesse caso, o discurso capitalista pode ser tomado como *mestre hipermoderno*², em sequência aos outros dois: o mestre das tradições [discurso do mestre] e o mestre moderno [discurso universitário], como Lacan (1992) havia assinalado. É na passagem entre esses dois últimos que vemos uma primeira mutação do saber, quando o discurso da universidade moderna vem fixar os traços do conhecimento como medida de todas as coisas.

De fato, no discurso capitalista não há rupturas que nos permitam compreender uma liquidação da Modernidade, mas, ao contrário, sua hiper-realização, embora com muitas adaptações, do tripé que a caracterizou: a *racionalidade científica*, a *crença no progresso dela decorrente* e a *felicidade*, tomada como bem supremo a ser alcançado como corolário das demais (Nobre, 2014). Pois é sob a sombra desse tripé, já bastante alterado em sua morfologia, que o capitalismo vem se despojar, aproveitando-se de sua exacerbação, embora, segundo Lacan (2011b, p. 37), o Iluminismo tivesse “por objetivo enunciar um saber que não rendesse homenagem a nenhum poder”.

Assim, pode-se perceber como, no fio da história, encontra-se uma repetição estrutural da função de mestria, vindo responder à demanda do sujeito em sua busca por uma resposta via saber. Nesse sentido, a particularidade do discurso universitário de elevar o saber ao lugar de semblante consiste em uma etapa intermediária para o advento do hiper mestre capitalista. Pois é somente a partir desse processo que torna o conhecimento científico o elemento dominante das sociedades modernas que se deflagram as condições para os desdobramentos que viriam a ocorrer no campo do saber, no decorrer do século XX. Vale retomar que, ao longo do período moderno, a universidade veio a ser a instituição que passou a congrega e legitimar saberes (Milner, 2012; Teixeira, 2016), tendo contribuído para destituir dos saberes tradicionais qualquer resquício de valor. Isso certamente produziu efeitos sobre os lugares clássicos de mestria, na medida em que o poder ligado ao mestre tradicional, que advinha de sua relação com o Outro, passa a ser questionado a partir de uma nova escala de valores.

Mas o discurso capitalista não pode ser tomado como uma instituição, o que certamente reduziria bastante a compreensão de seu espectro. O que ele põe em causa mostra-se ainda maior: trata-se de um sistema econômico que, no curso da história, veio a se tornar hegemônico, tendo como base o desenvolvimento tecnológico dos próprios meios de produção. Assim, é na esteira da elevação do conhecimento científico, representado pelo discurso universitário, que se encontram as bases do aperfeiçoamento tecnológico válido para todos os campos. Esse processo sofreu incentivo não apenas de governos, mas também de um contexto industrial sempre ávido por inovações que permitissem seu aprimoramento em todas as frentes e expansão do mercado. Esse incentivo foi o que permitiu que a globalização se impusesse de fato no horizonte político e econômico de nações mais ricas, no que o desenvolvimento tecnológico serviu como catalizador. É a disseminação desse quadro compartilhado por todo o mundo que nos permite reconhecer a experiência de um padrão cultural que tem na digitalização da vida humana seu ponto de ancoragem e veicula o modo de vida capitalista de forma incontestável.

2 Em referência ao conceito de *hipermodernidade*, de Gilles Lipovetsky (2004), em que o prefixo *hiper* denota que o que assistimos na contemporaneidade refere-se a uma exacerbação dos valores criados no período moderno.

O sujeito e os saberes na linhagem das mestrias

Na teoria dos discursos desenvolvida por Lacan, é possível compreendermos como, a partir do discurso do mestre, duas linhas se desenham: uma primeira “subjetivista”, que se desenvolve por $\frac{1}{4}$ de giro no sentido horário, tendo como sequência histórica e analista; e outra que apresenta o discurso universitário, que Lacan designa como “mestre moderno” (Lacan, 1992). É fora dessa lógica dos giros, mas a partir de uma torção no primeiro termo do mestre antigo que encontramos o discurso capitalista e que, tal como os outros dois, traz S_1 também no campo do sujeito. É este fato e também sua origem histórica no desenvolvimento da ciência que o discurso universitário representa que nos permite, às expensas da mudança na lógica de sua formação, compreender esta segunda linha como característica das mestrias.

Note-se que, na primeira linhagem, os discursos são nomeados de forma personalista e é o sujeito quem ocupa os postos proeminentes, seja como verdade, como agente ou como Outro, mas, ainda neste último caso, considerado como sujeito, particularidade do laço inaugurado pelo analista. De fato, a própria noção de sujeito barrado pela linguagem, que agencia o discurso da histórica, vem a ser ele mesmo o resultado direto dessa discursividade inaugural da linguagem que o mestre representa. Por isso, ambos estão imediatamente ligados em sua origem. Também por isso os discursos devem ser considerados por seu funcionamento simultâneo, posto que não há possibilidade de se atuar de maneira estrita em apenas um desses registros.

Vale destacar que o discurso do analista, cuja emergência, segundo Lacan (1998), se dá em função do surgimento da própria ciência moderna – em função de sua rejeição da verdade do inconsciente –, traz, de saída, duas particularidades. Em primeiro lugar, como assinalado, é o único que considera o Outro como sujeito e, por isso, convoca-o a construir, ele próprio, uma narrativa, um saber sobre si. Em seu ineditismo, este laço só pode operar pelo fato de o analista aceitar ocupar o lugar do vazio, fazendo semblante do objeto e resguardando-se de todo saber prévio para que o Outro possa apresentar-se como sujeito. Em segundo lugar, foi o advento desse discurso que permitiu que os demais pudessem ser destacados e reconhecidos por seus diferentes arranjos. Como diz Lacan (2005, p. 60), em outro trabalho, foi “a chegada do analista à sua função própria [que] permitiu uma iluminação lateral do que sejam as outras funções”. Foi, segundo ele, o que o levou a mostrar as articulações não comuns, que mudam a partir do giro de quatro pequenos elementos e que “acaba fazendo coisas muito interessantes” (Lacan, 2005, p. 60). Assim, nessa confluência, a psicanálise tem função especial, na medida em que é a partir de seu surgimento como um laço *sui generis* que as diferentes modalidades de enlaçamento social puderam ser vislumbradas ou discernidas. Além disso, toda essa mudança está, em grande medida, atrelada ao declínio das instâncias ideais.

Antes de proceder à exploração dos efeitos dessa “ponta final” que vem a ser esse quinto discurso, cabe destacar que, devido a seu caráter esdrúxulo, ele é colocado não sem certa reserva por Lacan, uma vez que extrapola a lógica já definida para suas matrizes. Entretanto, isso não impediu que seus comentadores viessem a propor outras versões de matemas a partir dos originais, assim como novas leituras daqueles já existentes. Lacan, inclusive, tratava o uso dos matemas de forma lúdica e não deixava de encorajar seus leitores a procederem dessa maneira, com o intuito de extrair novas modalizações e interpretações.

Nesse espírito, o próprio Miller (2004) chegou a propor uma leitura – que ele mesmo caracteriza como “uma fantasia” – do matema do analista pelo viés capitalista, seguindo a indicação de Lacan (2003) em *Radiofonia*, que considera os efeitos do zênite contemporâneo do objeto. Miller (2004) chega mesmo a se questionar se o objeto seria a bússola da civilização atual, convidando-nos a ultrapassar inibições, de modo que o discurso da civilização hipermoderna não seria mais o avesso da psicanálise, mas com ela coincidiria como discurso.

Não há dúvidas de que este é um caminho de exploração e não se pode desprezar o papel da psicanálise na cultura ao longo do século passado. Miller sintetiza muito bem este aspecto quando chama atenção para o papel do legado de Freud em reconhecer a lógica no gozo como inerente ao funcionamento da civilização, indicando que foi Lacan quem teve que lidar com as “consequências desse sucesso sensacional” (Miller, 2004, s.p.) da psicanálise. Embora tenha lidado mais diretamente com os efeitos desse sucesso, Lacan não deixou de apontar para a dimensão de seu fracasso, pois, embora “isso funcione”, não é sem falhas, já que o real impossível está aí dando-se a ver e esburacando as estruturas simbólicas. Há diversas passagens em que todo esse jogo pode facilmente ser reconhecido para demonstrar esse raciocínio, e Miller (2004) não se furta de extrair suas consequências em várias direções.

Outros autores também não resistiram à tentação e chegaram a cogitar novas sequências discursivas, seja de modo passageiro, seja por meio de diferentes formulações do matema. No primeiro caso, Marco Antônio Jorge (2002) alude a uma passagem de Lacan (2003) em *Televisão*, onde ele comenta a proximidade estrutural entre o discurso da histórica e o da ciência, que viria a ser um sexto discurso não formalizado. Entretanto, a referência a um “discurso da ciência” é uma constante no ensino de Lacan, e não parece ter sido empregada num sentido diverso do que podemos compreender do discurso universitário que, portanto, já trazia sua estrutura, dando-lhe a forma da burocracia acadêmica. Quanto a novos matemas, Aurélio de Souza (2003, p. 160) propôs o “discurso do a-viciado”, criado para dar conta das manifestações sintomáticas contemporâneas como resultantes da crescente precariedade simbólica.

Seguindo uma trilha equivalente à da “fantasia” de Miller (2004), Néstor Braunstein (2010, p. 158) formula um “discurso do mercado” que, embora tenha a mesma estrutura matemática do analista, traz um arroba [@] no lugar objeto *a* como semblante. No caso, tanto o analista quanto o mercado, atuando sob diferentes perspectivas desse semblante dessubjetivado, “histerizam” o Outro como sujeito [\$], favorecendo o desdobramento da fantasia a partir do desejo, de modo a permitir que ele produza seus significantes mestres. Entretanto, se o analista possibilita que o sujeito se dispa dos significantes que o prendem às amarras simbólicas, no discurso do mercado, os “servomecanismos”, como Braunstein (2010, p. 149) se refere às *latusas* de Lacan (1992), atuam como saber [S_2] no lugar da verdade, favorecendo as identificações coletivas, fenômeno corrente nos ambientes das redes sociais da internet, o que não implica uma mudança subjetiva como resposta. Para Braunstein (2010), se o servomecanismo assimila a demanda e o desejo no *semblante de a*, o analista, ao contrário, “(...) sustenta a constante dissociação entre ambos e se nega a confundir os dois planos, fazendo da demanda uma pergunta e um questionamento do desejo que a subentende” (Braunstein, 2010, p. 161). Nesse caso, não teríamos um sexto discurso, mas apenas uma releitura do matema do analista, assim como fez Miller (2004).

Não há dúvidas de que esta leitura apresenta boa pregnância ante a problemática colocada para o sujeito a partir do advento das tecnologias digitais. Trata-se de um ponto de vista a ser explorado em paralelo à formulação de Lacan (1978) em Milão, sobretudo a se considerar a perspectiva do zênite objetual que já havia sido por ele colocada (Lacan, 2003). Entretanto, ainda que este último discurso tenha sido escrito uma única vez, nesse caso passa-se um pouco mais rápido pela trajetória que leva em conta as demais formações. Além disso, concede-se menor crédito à torção entre o mestre e o capitalista, bem como à própria supressão da impossibilidade, ponto central nesse matema. Por isso, parece razoável conservar para o discurso analítico a interpretação que valoriza seu posicionamento único que toma o Outro como sujeito de fato, ao fazer o semblante do vazio. Pois, ainda que opere pela suposição de saber, não o faz empregando uma via falaciosa, como ocorre no discurso capitalista.

Cabe mencionar a proposta ainda mais ousada de Levi Bryant (2008) que, inspirado pelas leituras de Slavoj Žižek, chega a propor outras 19 formulações possíveis para o matema, indo bem além das cinco deixadas por Lacan. Bryant (2008) aponta como o conjunto total de 24 possibilidades de matemas poderia ser dividido em seis grupos de quatro, cada um deles perfazendo um “universo discursivo”. Nesse caso, o primeiro deles, composto das quatro matrizes originais de Lacan, seria o *universo da Mestria*, iniciado pelo discurso do Mestre, com todos os subsequentes. O segundo, o *universo do Capitalismo*, iniciado por este discurso, daria origem a três outros, mantendo-se a mesma ordem dos significantes e efetuando-se um quarto de giro no sentido horário. Nesse caso, conforme nomeia o autor, teríamos o discurso do Bio-Poder, o da Teoria Crítica e o da Produção Imaterial (Bryant, 2008). Assim, embora não explore todas as consequências dos demais, Bryant chega mesmo a escrever as outras 16 formulações, divididas em quatro outros sistemas, embora sem nomeá-los.

Para Vinícius Darriba e Maurício D’Escragnolle (2017), a partir da proposição do discurso capitalista, a análise lacaniana ganha “um alto grau de crítica”, indo além da dimensão histórica que, embora não esgote a questão, não pode ser desprezada. Segundo os autores, para além de denunciar a união do capital com a ciência, Lacan aponta que o capitalismo se autorreproduz e, na medida em que resiste à crítica, alimenta-se de tudo o que lhe faz oposição. Nesse sentido, destacam que mais importante que situar o começo histórico desse discurso a partir de uma “viradinha de nada” (Lacan, 2011c, p. 61) que fez operar essa transmutação de mestres e que nos torna “ainda mais engabelados” (Lacan, 2011c, p. 61), Lacan põe em evidência a ausência de fim, o que se deve à tomada do mais-de-gozar como seu suporte (Darriba & D’Escragnolle, 2017). Para Lacan, no próprio Marx já se pode visualizar uma relação profunda entre isso e o discurso do mestre: “A coisa a que quero chegar é fazê-los captarem algo tão essencial quanto o que é, digamos, o suporte do mais-de-gozar” (Lacan, 2009, p. 47).

O rebaixamento do saber diante do novo mestre: o discurso digital

Como vimos, nos últimos anos, vários autores propuseram acrescentar novos matemas à teoria lacaniana dos discursos. Em geral, tais esforços se basearam em exercícios lógicos, envolvendo permutações e outras operações dessa natureza. A proposta aqui apresentada difere dessas tentativas em sua motivação primeira. Não se trata, aqui, de mero experimento lógico, mas, ao contrário, trata-se, em primeiro lugar, da constatação da emergência, bastante recente, de uma nova forma de laço social, perpassada de ponta a ponta por outra lógica. Trata-se, portanto, da tentativa de formalizar esse novo laço social a partir da teoria dos discursos e em consonância com o gesto inaugural de Lacan: novos laços sociais são também novos discursos, que alteram a disposição dos elementos e exigem do psicanalista um esforço a mais no sentido de formalizar o real em jogo. Assim, o discurso digital – sexto discurso – não se apresenta como fruto de uma elucubração combinatória ou experimento mental, mas como a formalização lógica do real em jogo no laço social contemporâneo.

É na perspectiva da liberação do gozo que Miller atribui a Freud e que exigiu malabarismos de Lacan que será abordada a relação do saber com o objeto a partir desse ponto. Entretanto, antecipamos que, se o objeto atinge o ápice social – ou o “*sociel*”, como bem diz Miller (2004), brincando com o termo francês para “céu” [*ciel*] –, não o faz de forma crua, isto é, às expensas do sujeito. Ao contrário, o discurso capitalista vale-se ainda mais do sujeito que é barrado pela linguagem, mas uma linguagem que veicula gozo. Pois é dessa barra que o objeto mais-de-gozar é causa e resultado, de modo que, feita

essa operação, cai bem que ele se mantenha no lugar de resto. Sobre esse aspecto, há que se pensar no caráter descartável de tudo o que o capitalismo produz hoje, com todas as consequências que já experimentamos. Lacan (2008) é, inclusive, taxativo em desdenhar a utilidade das produções do capitalismo, quando afirma que, embora ele próprio sirva para “alguma coisa” – nem que seja para introduzir o “chamado poder liberal” –, não se pode dizer o mesmo de suas produções: “São as coisas que ele faz que não servem para nada” (Lacan, 2008, p. 232). É, então, do lugar de resto que o objeto é ainda abordado no âmbito do discurso capitalista, o que nos conduziria ao questionamento sobre como o saber está implicado na sua produção. Como veremos, será preciso uma nova “viradinha” para que possamos visualizar o zênite do objeto, anunciado por Lacan, e que, a nosso ver, implicará uma transformação ainda mais radical no estatuto do saber.

Se o discurso universitário favoreceu que o capitalismo se assenhorasse do saber, de modo a torná-lo mercantil (Teixeira, 2016), foi em função de sua fixação como conhecimento passível de circulação e, portanto, transmissível como conteúdo e sob diferentes suportes. Assim, com o advento das tecnociências, uma nova modalidade do saber, mais efêmera, leve e descolada de compromissos com quaisquer noções éticas, pôde ser identificada nos termos da informação. O surgimento das TIC são, portanto, o produto mais bem-acabado dessa capitalização dos saberes que, submetidos ao processo de digitalização, tornam virtual não somente a noção de mercadoria, mas também converte definitivamente em objeto o que antes era saber, que se torna mais facilmente circulável, cambiável pelos fluxos digitais.

Do ponto de vista da psicanálise, a questão das mudanças no estatuto do saber pode ser atrelada ao atual predomínio do gozo em nossa sociedade. Para tanto, deve-se levar em conta a origem da conjunção de ambos – saber e gozo – na topologia discursiva, situando-a no limiar entre a lógica do desejo e o campo do gozo. A esse respeito, Danziato (2015) é categórico em apontar o grafo do desejo como sendo o ápice do período do simbólico e estando na gênese dos matemas, sendo essa uma primeira formalização que apresenta a correlação entre o movimento dos significantes e o drama ontológico do sujeito em sua relação com o Outro. Nesse sentido, Danziato justifica a retomada do Outro por Lacan no *Seminário 16*, onde sua concepção como tesouro dos significantes será revista e também definida por sua estrutura faltante. Além disso, o grafo já traz de modo antecipado a proximidade entre a linguagem e o gozo, bem como sua relação com a verdade, três elementos centrais na lógica discursiva. No grafo “(...) essas relações fundamentais se movimentam não unicamente no campo da significação, mas (estão) submetidas a uma lógica que implica demanda e o gozo do Outro, assim como a falta de um significante no campo do Outro (A)” (Danziato, 2015, p. 213).

Na esteira do grafo, a formalização dos discursos seria a maneira encontrada por Lacan para formalizar essa falha de saber no campo do Outro e a conseqüente impossibilidade de ele se unir à verdade. Não encontrando essa verdade, um significante é convocado a produzi-la como sua ficção em relação ao desejo do Outro. Daí o sujeito lançar mão da fantasia como recurso contra esse vazio de saber do Outro sobre si. Desse modo, a escritura dos discursos representa a ultrapassagem da lógica edípica freudiana, que imperava no ordenamento simbólico do gozo e que exigia, após a descolonização do laço habitado pelo pai simbólico, uma nova formalização que pudesse dar outro tratamento a esse real. Nesse caso, tal tratamento somente poderia ser feito em se “considerando a impossibilidade da significação e do sentido, revelado no dizer (lacaniano) ‘não há relação sexual’” (Danziato, 2015, p. 219).

Sob esses novos parâmetros, com a subversão que o gozo traz para a dimensão clínica, na forma de uma disjunção entre saber e verdade, o saber passa a funcionar como verdade, não estando mais restrito à forma enunciativa, mas sim demonstrativa dessa impossibilidade da qual o gozo vem ser o portador, como elemento do real. Nessa perspectiva, o saber ganha nova concepção, não devendo mais ser “(...) entendido como uma articulação significativa, mas como um modo de encaminhamento da satisfação pulsional (...), portanto diretamente atrelado à repetição e entendido como um aparelho de grafia do gozo” (Danziato, 2015, p. 221). No caso, o saber passa a lidar com o que resta da articulação significativa e que vem a ser o objeto *a*, motivo pelo qual Lacan o define como “meio de gozo” (Danziato, 2015, p. 221).

É justamente com esse mote que a teoria dos discursos e, especialmente, a proposição do discurso do capitalista mostra-se pertinente para a discussão em tela. Nesse discurso, a confluência entre saber, verdade e gozo traz como novidade o fato de que, sob nova dinâmica e com um posicionamento dos significantes diverso daquele inicialmente proposto, o gozo alcança um patamar em que a verdade se vê ainda mais reduzida, e o saber vem a sofrer sensíveis mudanças em seu estatuto, em função de um desdobramento ainda mais radical. Numa passagem de *Estou falando com as paredes* (Lacan, 2011a), Lacan deixa clara a importância mantida pelo saber que, pela via do jogo significativo, é o que permite supor o sujeito na rede discursiva, suposto em relação a isso que vem a ser o Outro, ao qual damos corpo: “Vocês não lhe dão sentido, nem sequer têm o suficiente para vocês próprios. Mas lhe dão um corpo, a esse significante que os representa, o significante-mestre” (Lacan, 2011a, p. 96). Desse modo, vemos como o significante, elemento primaz do saber, mantém-se ativo ao tomar corpo, via sujeito, no jogo discursivo. Na dinâmica instaurada na cultura digital, novas leituras podem ser extraídas dos elementos que compõem o laço social em função das mudanças no valor que cada elemento assume no matema.

É no cerne da cultura digital que ganha corpo a ideia da mudança de estatuto do saber anteriormente lançada por Lyotard (2008). Com a entrada em ação do algoritmo digital do Google, a partir de 2009, um novo modo de governança passa a compor os trâmites da circulação da informação na internet. Um *algoritmo* é uma formulação relativamente simples que permite, numa base estatística puramente indutiva, construir modelos de comportamentos ou padrões em um

determinado sistema. Tal dispositivo vem merecendo boa parte da crítica dirigida ao “capitalismo de informação”, surgido da emergência e do desenvolvimento das teorias e da ciência da informação (Mattelart, 2001). Tal implementação pelo Google permitiu que sinalizadores oferecessem informações de modo personalizado para seus usuários (Alves, 2019), o que representou uma mudança radical no modo como dados e informações são processados pelo aparato tecnológico, com crescentes efeitos sociais, políticos, econômicos e também subjetivos.

O resultado do manejo de tais dados pelo *big data*, que retorna ao usuário na forma de produtos, sempre sob o véu do acesso à informação, faz com que ele seja retido na teia da rede mundial. Nela se movimenta, por um lado, a economia psíquica do usuário enredada pela realidade virtual e, por outro, a economia do mercado que encontra aí um vasto campo a ser explorado pelo grande capital. (Nobre & Lima, 2019)

Desse modo, o *big data* representa o assujeitamento do consumidor ao mercado. Seduzido pelo fornecimento ininterrupto e bilateral de informação, os produtos retornam ao usuário da rede de forma cada vez mais personalista, o que o mantém capturado à rede, ligado por toda sorte de afetos que ali experimenta. A informação torna-se, assim, veículo de extração máxima do sujeito, passando a tocá-lo cada vez mais na dimensão do gozo, o que parece evidente a julgar pela proeminência assumida pelo corpo em nossa sociedade. É na medida em que passa a operar a favor da satisfação pulsional que o saber, estando atrelado à grafia de gozo, pode implementar a repetição em seu automatismo. Os algoritmos convertem o sujeito em objeto de um olhar absoluto, onipresente, que o controla e o reduz a puro cálculo. Vivemos segundo uma forma de satisfação pulsional inconsciente que condiciona muitos dos nossos atos. Todos os nossos passos, traços, marcas e furos são analisados para se extrair a singularidade do gozo. O gozo que está presente no que se consome, no que se lê, no que se vê, nos ideais, valores e gostos, é traduzido em perfis de consumo.

Se já no espectro do discurso capitalista o sujeito havia se tornado mais autonomizado, empossado de um lugar individualizante bastante cultivado no período moderno (Sibilia, 2008), no presente momento esse fenômeno exacerba-se em resposta ao convite à fruição pela informação, objeto máximo das redes sociais, palco de toda exibição e triunfalismo subjetivos. Incitado a *performar* num quadro flexível de identificações cambiáveis ao sabor das inovações incessantes e sempre disponíveis, o sujeito depara-se com as múltiplas verdades formuladas pelo hipermestre digital do *big data*, sendo convidado a desfrutar do fato de poder compor, ele próprio, sua verdade. Essa verdade autocentrada, bem adaptada às suas demandas, prescinde de toda referência, a não ser aquelas que o sujeito é instado a eleger no imediatismo das respostas oferecidas pelas plataformas que visita. Nessa medida, os vínculos do sujeito se veem ainda mais prejudicados, posto que o Outro, já desvelado em sua inconsistência, padece de um decréscimo de seus efeitos como referencial simbólico.

A julgar pelo lugar assumido pela informação no mundo atual, parece inevitável observarmos a convergência dessa modalidade de saber, altamente capitalizável em seu formato virtualizado pela via digital, na forma direta do objeto, assumindo todas as suas feições: seja como produto, como trabalho, enfim, de resto descartável como qualquer embalagem de produtos os mais corriqueiros. Entretanto, se no capitalista ocorreria uma torção no primeiro termo do discurso do mestre, além das alterações que implicam na dinâmica do matema, parece plausível pensar num *discurso digital* no qual esta torção ocorra também no segundo termo, o que viria a ser seu ponto diferencial. Nessa perspectiva, poderíamos propor um matema com a configuração mostrada na Figura 2.

Figura 2

Discurso Digital

$$\downarrow \frac{S}{S_1} \times \frac{a}{S_2} \downarrow$$

Desse modo, estaríamos presenciando uma mudança de estatuto nunca imaginada para o saber que, encontrando-se em declínio por sua função de encadeamento significativa, garante da vinculação do sujeito ao Outro, vê-se alterado sobretudo diante do apelo da vertente de gozo, elevando-se ao zênite ao mesmo tempo que se objetaliza. Nessa perspectiva, parece legítimo postular que estamos diante de uma nova forma de laço social, um novo discurso, no qual a informação, resíduo do saber, ao se tornar objeto dos mais efêmeros, toma-lhe o lugar, inundando o campo simbólico, da palavra, com os excessos inerentes ao real do gozo.

O que vemos trata-se, portanto, de uma disjunção entre o saber e a informação, pois ainda que esta seja oriunda do campo do saber, sua experiência parece perder-se do lugar, até então devotado, à dimensão simbólica, em franca decadência diante do mar imagético disponível na cultura digital. Desse modo, a informação não tem mais nada a ver com o saber [S_2], mas sim com a . Trata-se de um resíduo do saber, mas que tem explorada sobretudo sua vertente inerente ao campo

do gozo. Note-se que esse novo discurso digital produz o mesmo efeito de circuito fechado resultante do desaparecimento da marca da impossibilidade dos discursos ao nível da enunciação.

A partir desse novo arranjo, cabe interpelar sobre o valor que cada significante assume na configuração do novo matema:

- [\$] o sujeito como consumidor: nesse matema o sujeito neurótico como o conhecemos, sempre insatisfeito e aferrado a seu sintoma, está também no patamar de agente e seu acesso ao Outro permanece impedido pelo desvio do vetor que encaminha o sujeito para sua própria verdade. Hiperinvestido em si próprio e remetido a uma “verdade” construída, cujos contornos só se definem pelos efeitos de S_1 naquele posto, o sujeito se vê estimulado pelos sedutoramente ocultos recursos dos algoritmos digitais implementados pelo mestre do *big data*. Sua relação com a realidade é permeada pelas bolhas digitais no qual está inserido junto com seus pares; os objetos investidos libidinalmente que aparecem em sua tela são na verdade resultado de cálculos algoritmos a partir de pedaços de informação que ele próprio fornece.
- [S_1] *big data*: situado como verdade, aqui o significante-mestre lança mão do apelo sedutor do mercado que agora se reveste da figura do *big data*, sendo o consumo da informação objetalizada, a nova palavra de ordem retornada dessa instância, com sua grande força de atração sobre o sujeito. Além disso, o mestre, nesse caso, coloca-se como atravessador no caminho do sujeito ao Outro, ainda mais combatido em sua eficácia simbólica, ao qual resta “servir” ao sujeito não mais como saber, mas como informação, objeto *a*, meio direto de gozo. Nesse caso, a vertente imaginária é a via mais largamente explorada na perspectiva da informação. A especularidade da rede é patente pela própria abundância de seu conteúdo imagético, funcionando como um “enxame” [*esse un*] de S_1 , para usar aqui a homofonia da língua francesa já explorada por Lacan (1985). Os algoritmos digitais sabem mais sobre o desejo do sujeito do que ele próprio e, frequentemente, antecipam para ele os significantes que presidem os deslocamentos próprios ao desejo que ele desconhece. A corrida dos engenheiros da informação é justamente a corrida de quem consegue melhor antecipar o desejo do sujeito do consumo.
- [*a*] informação: no lugar em que viria o saber [S_2], na lógica que prevaleceu até o capitalista, surge o objeto, ao qual se remete diretamente a verdade de S_1 . A própria informação é objeto por excelência na era digital. Num sentido mais corriqueiro, a informação é objeto de compra e venda. Mais do que isso, a informação é não apenas objeto de desejo, mas também aquilo que falta a ela própria, assumindo a forma do impossível e a temporalidade do efêmero: estamos sempre correndo atrás da informação, sempre atrasados, sempre sedentos pela notícia do último minuto. Aqui o objeto não se trata de um mero produto residual, resto sem valor. Ocupando o lugar do outro, antes devotado ao saber, exhibe-se agora na forma da informação, fluido contemporâneo que, explorando ao máximo a vertente suplementar do mais-de-gozar, visa atender à constante demanda de consumo do sujeito, retroalimentada pelo algoritmo digital a serviço do *big data*. Vale lembrar que tais objetos sempre poderão ser vislumbrados na perspectiva de sua parcialidade pulsional, tal como já fora apontado por Lacan (1988).
- [S_2] saber: diferentemente do saber no discurso do mestre, aqui o saber cede lugar à linguagem preponderante da informação que, em sua essência atual, compõe-se dos atributos dos dados digitais. Transmutado e reduzido em seu estatuto, o saber é aquilo que resta do sujeito nesse processo, sendo reabsorvido pelo sistema algorítmico e que, como um trabalho não pago, faz com que o sujeito se afigure com um novo escravo.

Assim, é com aparente frugalidade que a informação digital, ao introduzir-se no nicho do objeto, toma o lugar do saber na interação dos significantes. Entretanto, esse fenômeno resulta de décadas de operação de um discurso que se fez gestar no seio do desenvolvimento tecnológico mais avançado, no sentido de um acoplamento da máquina aos elementos mais próprios ao humano, aqueles atinentes ao afeto, tocando no ponto em que eles se entrelaçam à linguagem. É como campo ao mesmo tempo da linguagem e do gozo que o saber revela-se cada vez mais inócuo ante à eficiência dessa nova deriva que, a partir do hiper mestre pluralizado, tem seu estatuto alterado no nível do objeto. Nesse contexto, o acervo do saber, já bastante desviado da verdade inconsciente, afigura-se ele próprio como um resto desse aparato posto em funcionamento pelo novo mestre, em que o sujeito é tomado de assalto pela via do afeto, no campo do gozo. Assim, torna-se mais facilmente acessível por meio dos *gadgets* que veiculam a linguagem digital e que perfazem, eles próprios, o efeito do objeto mais-de-gozar.

Considerações finais

Como podemos compreender, a passagem do discurso capitalista (hipermoderno) para discurso digital não se trata de uma simples permutação, mas de um evento social novo, em que o digital corresponde a uma tecnologia com efeitos radicais para o ser de gozo e, portanto, para o laço social. Pois tal discurso é emergência de um momento histórico que tem a ver com novo padrão cultural e com as modalizações que este padrão veio a implicar no laço, um laço excessivamente identificatório e, portanto, com tendências segregatórias, altamente movido pela intensidade da via afetiva. Nessa leitura, é no âmbito do digital que vemos o objeto subir ao zênite pela inversão ocorrida no campo do Outro, nos termos de uma nova linguagem. Diante desse zênite objetual da informação, o saber inconsciente, agora relegado ao lugar de resto, parece

assumir a função de manancial direto do novo mestre, o *big data*. Assim, torna-se algo como uma nova *commodity*, cujos resíduos serão sempre capturados e retroalimentados na simplicidade do dispositivo algorítmico. Daquilo que produzimos desse resto, como saber, enquanto exercemos nosso modo de gozo flinando pelos *sites* e plataformas digitais, boa parte é reincorporada ao *looping* do sistema que perfaz o motor da cultura digital.

Embora nossa própria trajetória, após algumas horas diante da tela, nos escape, esse resto fornece o material para que o conjunto S_1 , estrategicamente posicionado aos endereçamentos do sujeito, se renove de modo constante, retornando ao sujeito na forma de caminhos, opções, escolhas que ele próprio não retém, não sabe mais, embora tragam a aparência personalizada, como que prevendo, adivinhando e, por fim, prescrevendo o que quer. Nessa hipertrofia do privado, o *a*, como informação, se dissemina nos *gadgets*, nas *latusas* visionadas por Lacan como causadores do desejo e que, objetificando a própria linguagem, oferecem saberes cada vez mais estandarizados, estatutários e, sobretudo, controlados (Deleuze, 1992).

Nessa perspectiva, para além de conceber a informação com um novo derivado do saber, é preciso considerar que em seu formato digital, embora guarde relação com o saber, é de um estatuto radicalmente diferente em função da mudança que vemos aqui operar. Pois, em sua divisão constitucional, o sujeito é ao mesmo tempo o consumidor que frui atualizando-se e aos seus diversos *profiles*, bem como que abastece ao novo mestre, mercador de S_1 , ponto mais alto na hierarquia do capital informacional, franqueando seu saber, suas informações próprias. Afinal, S_1 , mestre significante, é o traço que introduz a divisão no sujeito, que o insere na linguagem ao mesmo tempo em que lhe permite vislumbrar a extração de gozo (Lacan 1992). Nesse caso, atua para que ele, possuído de seu ser de gozo, consuma mais, goze mais, comprando mais informações e objetos, na vã tentativa de saturar ou suturar essa divisão, enquanto devota seu saber ao novo mestre.

Referências

- Alves, M. A. S. (2019). O panoptismo digital: Reflexões sobre o poder na sociedade da informação. In: M. A. S. Alves, & M. R. Nobre (Orgs.), *A sociedade da informação em questão: O direito, o poder e o sujeito na contemporaneidade* (pp. 47-69). Editora D'Plácido.
- Asimov, I. (1979). *I, Robot*. MacMillan.
- Braunstein, N. (2010). O discurso capitalista: Quinto discurso? O discurso dos mercados (PST): Sexto discurso? *A peste*, 2(1), 13-165. <https://revistas.pucsp.br/index.php/apeste/article/view/12079>
- Bryant, L. R. (2008). Zizek's new universe of discourse: Politics and the discourse of the capitalist. *International Journal of the Zizek Studies*, 2(4), 1-48. <https://zizekstudies.org/index.php/IJZS/article/view/141/141>
- Danziato, L. J. B. (2015). Saber, verdade e gozo: Da função da fala à escritura. *Tempo Psicanalítico*, 47(2), 208-224. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382015000200014
- Darriba, V., & D'Escagnolle, M. (2017). A presença do capitalismo na teoria dos discursos. *Ágora*, 20(2), 543-558. <https://doi.org/10.1590/1809-44142017002012>
- Deleuze, G. (1992). *Conversações: 1972-1990*. Editora 34. (Cap. 5, pp. 219-226)
- Gere, C. (2008). *Digital culture* (2ª ed.). Reaktion Books Ltd.
- Gibson, W. (2019). *Neuromancer* (1984). In: *Crime and Media* (pp. 86-94). Routledge.
- Jorge, M. A. C. (2002). Discurso e liame social: Apontamentos sobre a teoria lacaniana dos quatro discursos. In: M. A. C. Jorge, & D. Rinaldi (Orgs.), *Saber, verdade e gozo: Leituras de O Seminário 17 de Jacques Lacan*. Rios Ambiciosos. (Cap. 1, pp. 17-32.)
- Kumar, K. (2006). *Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: Novas teorias sobre o mundo contemporâneo* (2ª ed.). Zahar.
- Lacan, J. (1978). Discours de Jacques Lacan à l'Université de Milan le 12 mai 1972, paru dans l'ouvrage bilingue. *Lacan in Italia, 1953-1978*. Salamandra. (pp. 32-55)
- Lacan, J. (1992). *O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise*. Zahar.

- Lacan, J. (1988). *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (4 Ed.). Zahar.
- Lacan, J. (1985). *O Seminário, livro 20: Mais, ainda* (2ª ed.). Zahar.
- Lacan, J. (1998). *Escritos*. Zahar.
- Lacan, J. (2003). *Outros escritos*. Zahar.
- Lacan, J. (2005). *O triunfo da religião: Precedido de discurso aos católicos*. Zahar.
- Lacan, J. (2008). *O Seminário, livro 16: De um outro ao outro*. Zahar.
- Lacan, J. (2009). *O Seminário, livro 18: De um discurso que não fosse semblante*. Zahar.
- Lacan, J. (2011a). *Estou falando com as paredes: Conversas na Capela de Sainte-Anne*. Zahar. (Cap. 3, pp. 71-103)
- Lacan, J. (2011b). *Estou falando com as paredes: Conversas na Capela de Sainte-Anne*. Zahar. (Cap. 1, pp. 09-38)
- Lacan, J. (2011c). *Estou falando com as paredes: Conversas na Capela de Sainte-Anne*. Zahar. (Cap. 2, pp. 39-70)
- Lemos, A. (2008). *Cibercultura: Tecnologia e vida social na cultura contemporânea* (4ª ed.). Editora Sulina.
- Lemos, A. (2009). O que é a cultura digital ou cibercultura?. In: R. Savazoni, & S. Cohn (Orgs.), *Cultura digital.br*. Beco do Azogue. (Cap. 6, pp. 134-149)
- Lévy, P. (1999). *Cibercultura*. Editora 34.
- Lévy, P. (2015). *A inteligência coletiva: Por uma antropologia do ciberespaço* (Vol. 16). Folha de São Paulo. (Coleção Folha grandes nomes do pensamento)
- Lima, N. L. (2006). Educação e ciberespaço: O conhecimento na era virtual. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 1(2), 1-14. <https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalapip/NadiaLaguardia.pdf>
- Liotard, J. F. (2008). *A condição pós-moderna* (10ª ed.). José Olympio. (Trabalho original publicado em 1979).
- Lipovetsky, G. (2004). *Os tempos hipermodernos*. Barcarolla.
- Mattelart, A. (2001). A era da informação: Gênese de uma denominação descontrolada. *Revista FAMECOS*, 8(15), 7-23. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2001.15.5399>
- Miller, J. A. (2004). Conferência de Jacques-Alain Miller em Comandatuba. *Oitavo Congresso da Associação Mundial de Psicanálise AMP, A Ordem Simbólica no Século XXI*. <https://2012.congresoamp.com/pt/template.php?file=Textos/Conferencia-de-Jacques-Alain-Miller-en-Comandatuba.html>
- Miller, J. A. (2012). Os seis paradigmas do gozo. *Opção Lacaniana Online*, 3(7),1-49. <http://www.opcaolacanianana.com.br/nranterior/numero7/texto1.html>
- Miller, J. A. (2015). Em direção à adolescência. *Intervenção de encerramento da 3ª Jornada do Instituto da Criança UPJL*. <https://www.radiolacan.com/pt/topic/542/3>
- Milner, J. C. (2012). *L'universel en éclats: Court traité politique* 3. Verdier.
- Morozov, E. (2019). *Big Tech: A ascensão dos dados e a morte da política*. Ubu Editora.
- Nobre, M. R. (2014). *Realidade virtual, realidade psíquica na pós-modernidade: Um encontro com Freud na infinitude fantasística do ciberespaço*. Editora CRV.

Nobre, M. R., & Lima, N. L. (2019). Algoritmos, matemas e o sujeito: O discurso, do desejo ao gozo. In: M. A. S. Alves, & M. R. Nobre (Orgs.), *A sociedade da informação em questão: O direito, o poder e o sujeito na contemporaneidade* (pp. 99-122). D'Plácido.

Sibilia, P. (2008). *O show do eu: A intimidade como espetáculo*. Nova Fronteira.

Souza, A. (2003). *Os discursos na psicanálise*. Companhia de Freud.

Tecnociência. (2020, 21 de outubro). In Wikipédia. <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Tecnoci%C3%A2ncia&oldid=63671239>.

Teixeira, A. (2016). O saber como mercadoria na universidade. *Lacan XXI: Revista Fapol Online*, (1),1-5. <https://www.lacan21.com/sitio/2016abril-vol-1/?lang=pt-br>

Como Citar:

Nobre, M. R., Lima, N. L., & Iannini, G. P. M. (2024). O digital como um novo discurso. *Revista Subjetividades*, 24(1), e12826. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v24i1.e12826>

Endereço para correspondência

Márcio Rimet Nobre
E-mail: marcionobre205@hotmail.com

Nádia Láguárdia de Lima
E-mail: nadia.laguardia@gmail.com

Gilson de Paulo Moreira Iannini
E-mail: gilsoniannini@yahoo.com.br



Recebido: 07/07/2021
Revisado: 08/09/2023
Aceito: 08/09/2023
Publicado: 31/01/2024